DISSERTAÇÃO

PRIMEIRO PONTO

Sciencias Medicas

Das grandes epidemias pestilenciaes e das regras e preceitos hygienicos que se devem observar no intuito de obstar o seu desenvolvimento ou propagação

---

PROPOSIÇÕES

SEGUNDO PONTO

Secção Accessoria.— Liquidos

TERCEIRO PONTO

Secção Cirurgica.— Dos Polypos naso-pharyngeanos

QUARTO PONTO

Secção Medica.— Nevralgias

THESE

APRESENTADA

Á FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

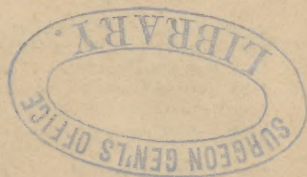
EM 23 DE SETEMBRO DE 1875

E PERANTE ELLA SUSTENTADA

NO DIA 17 DE DEZEMBRO DO MESMO ANNO

PELO

Dr. Manoel Luiz Vieira

Natural do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT

71, Rua dos Invalidos, 71

1875

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR

CONSELHEIRO DR. VISCONDE DE SANTA IZABEL.

VICE-DIRECTOR

CONSELHEIRO DR. BARÃO DE THERESOPOLIS.

SECRETARIO

DR. CARLOS FERREIRA DE SOUZA FERNANDES.

LENTES CATHEDRATICOS

Doutores:

PRIMEIRO ANNO

F. J. do Canto e Mello Castro Mascarenhas. (1ª cadeira). Physica em geral, e particularmente em suas applicações á Medicina.
Manoel Maria de Moraes e Valle (Presidente) (2ª »). Chimica e Mineralogia.
. . . . (3ª »). Anatomia descriptiva.

SEGUNDO ANNO

Joaquim Monteiro Caminhoá . . . . (1ª cadeira). Botanica e Zoologia.
Domingos José Freire Junior . . . . (2ª »). Chimica organica.
Francisco Pinheiro Guimarães . . . . (3ª »). Physiologia.
. . . . (4ª »). Anatomia descriptiva.

TERCEIRO ANNO

Francisco Pinheiro Guimarães . . . . (1ª cadeira). Physiologia.
Conselheiro Antonio Teixeira da Rocha . (2ª »). Anatomia geral e pathologica.
Francisco de Menezes Dias da Cruz . . . (3ª »). Pathologia geral.

QUARTO ANNO

Antonio Ferreira França. . . . . . (1ª cadeira). Pathologia externa.
João Damasceno Peçanha da Silva Examinador. . . . . (2ª »). Pathologia interna.
Luiz da Cunha Feijó Junior . . . . . (3ª »). Partos, molestias de mulheres pejadas e paridas e de recem-nascidos.
Vicente Candido Figueira de Saboia . . (4ª »). Clinica externa (3º e 4º anno).

QUINTO ANNO

João Damasceno Peçanha da Silva . . . (1ª cadeira). Pathologia interna.
Francisco Praxedes de Andrade Pertence. (2ª »). Anatomia topographica, medicina operatori e apparelhos.
Albino Rodrigues de Alvarenga . . . . (3ª »). Materia medica e therapeutica.

SEXTO ANNO

Antonio Corrêa de Souza Costa . . . . (1ª cadeira). Hygiene e historia da Medicina.
Barão de Theresopolis. . . . . (2ª »). Medicina legal.
Ezequiel Corrêa dos Santos . . . . . (3ª »). Pharmacia.
Vicente Candido Figueira de Saboia. . (4ª »). Clinica interna (5º e 6º anno).
João Vicente Torres-Homem . . . . (4ª »). Clinica interna.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção de Sciencias Accessorias:
Agostinho José de Souza Lima . . . .
Benjamin Franklin Ramiz Galvão . . . .
João Joaquim Pizarro . . . .
João Martins Teixeira . . . .
Augusto Ferreira dos Santos . . . .

Secção de Sciencias Cirurgicas:
Luiz Pientzenauer . . . .
Claudio Velho da Motta Maia. . . . .
José Pereira Guimarães. . . . .
Pedro Affonso de Carvalho Franco . . . . . .
Antonio Caetano de Almeida (Examinador) . . .

Secção de Sciencias Medicas:
José Joaquim da Silva . . . .
João José da Silva . . . .
João Baptista Kossuth Vinelli (Examinador). . . .
. . . .
. . . .

N.B. A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emittidas nas Theses que lhe são apresentadas.

MEIS ET AMICIS

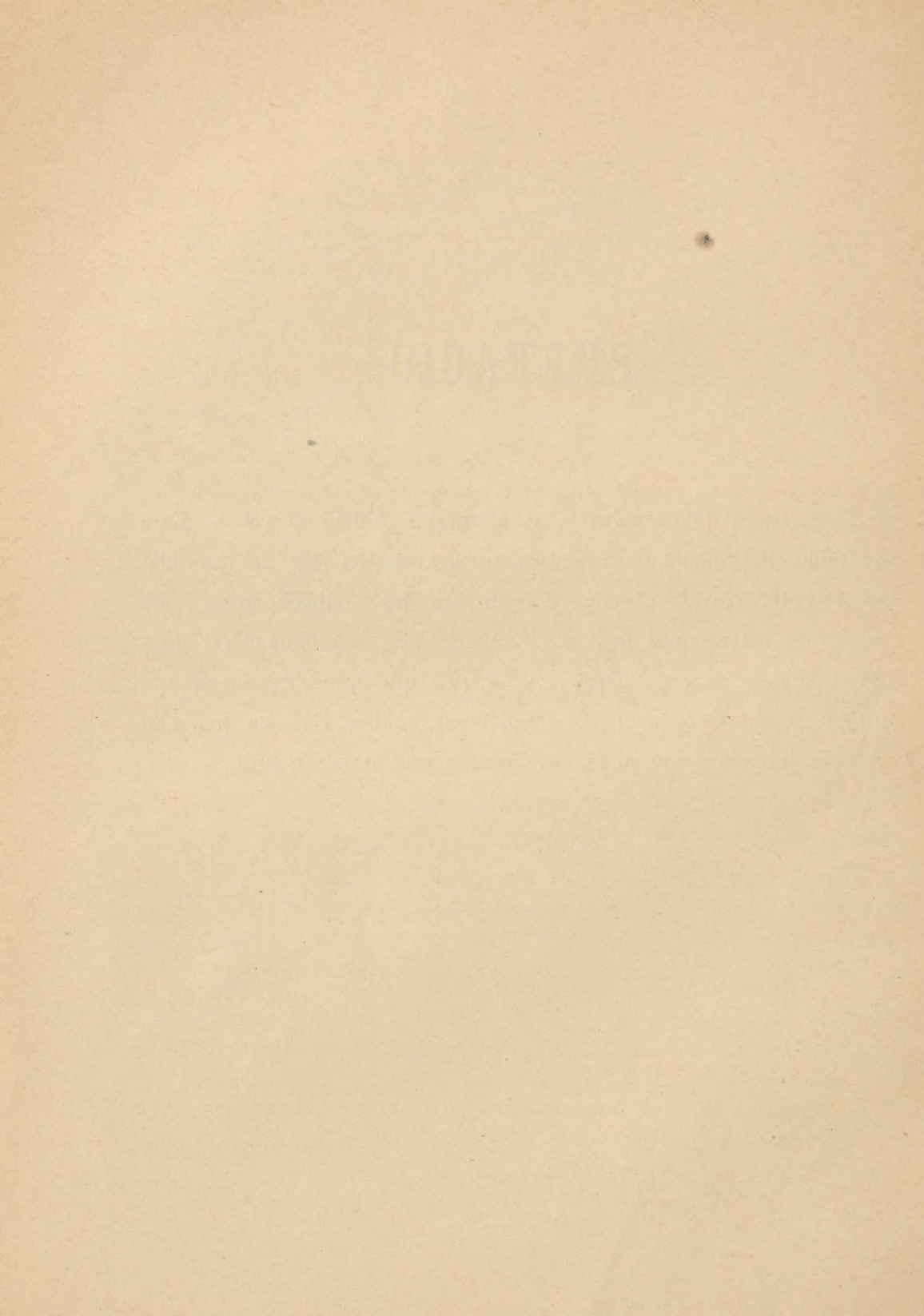
DISSERTAÇÃO

PRIMEIRO PONTO

Das grandes epidemias pestilenciaes e das regras e preceitos hygienicos que se devem observar no intuito de obstar o seu desenvolvimento ou propagação.

Difficile est proprie communia dicere.
HORATIO.

PREFACIO

Esta these versa sobre um assumpto difficil e vasto. Essa vastidão e difficuldade attenuão os graves defeitos de que ella se resente. Novel, obscuro e sem grandes conhecimentos, não podiamos fazer cousa melhor. Fômos breves, laconicos talvez, pela força de motivos particulares. A lei quiz que apresentassemos esta ultima prova de capacidade intellectual. Eil-a. Bôa ou má, ella vai ser julgada ; e o juizo dos mestres será o nosso juizo.

CAPITULO I

As epidemias pestilenciaes

Segundo a mythologia grega Jupiter, querendo castigar a Prometheu, enviou-lhe, para esposa, Pandora, depois de a ter presenteado com uma caixinha, onde todos os males estavão encerrados.

Prometheu, desconfiando de uma cilada, não quiz recebe-la. Seu irmão, Epimetheu, aceitou Pandora por mulher, abrio a caixinha e todos os males se espalhárão pela superficie da terra.

« Desde então, diz Hesiodo, (Opera et dies), todas as molestias começárão a affligir a humanidade de dia e de noite; ellas vêm por si mesmas, sem que ninguem as chame, ferem em silencio, sem prevenir, porque o prudente Jupiter lhes tirou a voz. »

Um passado remoto que, ha muito, sumio-se na noite dos tempos, comprehendia assim a origem das molestias; a historia assignala como causas dessa falsa interpretação, a ignorancia e superstição dos antigos que vião nas cousas, boas ou más, a influencia dos deoses.

Não ha duvida alguma que a historia da pathologia é tão antiga como a historia da humanidade. Estavão, com effeito, os nossos antepassados submettidos ás mesmas influencias nocivas que nós; vivião no mesmo meio, possuião os mesmos orgãos.

Tinhão de soffrer, portanto, como nós ora soffremos, as transformações organicas, os desequilibrios de funcções que o tempo e as cousas que nos cercão sóem produzir.

Mas, ninguem pretenderá, por certo, que as molestias epidemicas pestilenciaes sejão, todas, coevas do homem como póde-se suppôr a respeito das molestias inflammatorias, catharraes e biliosas, cujas causas subsistirão em todas as épocas.

Assim, quem estuda a historia das grandes epidemias, ao notar as épocas fixas de seus apparecimentos, não póde deixar de fazer a seguinte pergunta:

Por que motivo esses grandes flagellos humanos não tiverão principio com o homem, que evoluções na vida dos povos derão origem á sua existencia?

A não admittir-se, como a legenda, que elles cahirão, um bello dia, sobre a terra como uma tremenda avalanche, é forçoso reconhecer que são o resultado dos tempos, porque não têm causas conhecidas, existencia necessaria, porque, emfim, a historia da pathologia desenrola, a nossos olhos, um grande numero de molestias extinctas, modificadas e novas.

As molestias epidemicas, individualidades morbidas especificas, incorporarão-se, portanto, á humanidade depois de longa elaboração.

E por que não seria assim?

Por que motivo as transformações por que tem passado a physionomia do globo não influirião sobre as molestias, que são phenomenos naturaes? Por que razão havião ellas de escapar a essa lei de mutação, cujos effeitos são tão geraes? Por que razão não haveria molestias historicas, como ha animaes e vegetaes fosseis, como pergunta Charles Borsch?

Como os anjos exterminadores dos livros santos, as molestias epidemicas pestilenciaes apparecem, hoje, onde encontrão condições telluricas especiaes, matão, somem-se sem que possamos, ao certo, prevêr a sua volta ou extincção.

CAPITULO II

HISTORICO

Historia quoque modo scripta delectat. (Plinio).

Febre amarella

A historia da febre amarella é posterior ao descobrimento da America. No dizer de alguns historiadores, Colombo descobrio simultaneamente o Novo Mundo e a febre amarella. As primeiras noções sobre este grande flagello são muito obscuras.

No seculo xv Oviédo, Heréra e Gomara chamarão-lhe *peste*. Na America hespanhola appellidarão-o *vomito prieto*, *fiebre amarilla*.

Entre os medicos inglezes e americanos, Robert Jackson lhe chama *the concentrated fever*; Rush, *the malignant bilious fever*. É a *febbre di Livorno*, *febbre gialla* dos medicos italianos. É a febre *remittente biliosa* dos paizes quentes, de Lind; o *typho icteroide*, de Cullen; o *typho grave*, *typho tropicus*, *typho* da *America*, a febre *miasmatica*, de Bally, Valentin e Dubreuil; a febre *adynamica*, *ataxica*, *adeno nervosa*, de Pinel; é emfim, a *gastro-entero-cephalite*, a *gastro cephalite*, a *cephalite* dos Drs. Rochoux, Lefort e Catel.

Com o intuito de provar que a febre amarella era conhecida, desde muito tempo, entre os indigenas da America, cita-se um trecho de Heréra em que elle diz que—«de oito em oito annos elles mudavão-se de uns lugares para outros por causa de enfermidades que apparecião com o calôr.» Cita-se tambem a opinião do padre Raymundo Breton que, em seu diccionario da lingua caraiba, falla da palavra—homanhatina pela qual os indios caraibas designavão o typho americano.

D'outro lado, as accusações dos indigenas contra os Hespanhoes,

de terem estes lhes importado a molestia, o silencio do padre Las Casas parecem indicar que a febre amarella appareceu, pela primeira vez, em 1494.

Como o Sr. Conselheiro Barão de Lavradio, pensamos que nenhum escriptor chegou a demonstrar, cabalmente, o ponto de partida do typho americano.

Importando pouco saber donde elle é originario e fazer a historia de todas as suas devastações pela Europa, Asia, Africa e America, occupar-nos-hemos sómente com a historia das epidemias que têm grassado no Brazil.

Segundo os escriptos do Dr. Ferreira da Rosa, citados pelo Sr. Barão de Lavradio, a febre amarella appareceu, pela primeira vez, no nosso paiz em 1686.

O Dr. Sigaud diz, em sua obra—Du climat et des maladies du Brésil—, que a molestia observada por essa occasião, não apresentava os verdadeiros symptomas do typho icteroide. Não se póde, portanto, affirmar que a febre amarella tenha existido ou não, entre nós, em 1686.

De 1849 para cá, varias epidemias se têm desenvolvido no Brazil, e os Srs. Conselheiros Barão de Lavradio e Paula Candido da Silva, Dr. Torres Homem e outros medicos distinctos, relevantissimos serviços têm prestado ao paiz fazendo sobre ellas aturados estudos.

Em 1849 e em 1850 foi a Bahia invadida pela febre amarella. Mais de cem mil pessoas forão affectadas, e destas, quatro mil fallecêrão. Reapparecendo em 1854 o mal de Sião, continuou a exercer sua perniciosa influencia até 1863, época em que extinguio-se, para voltar de novo em 1871, desde quando tem existido até agora de um modo esporadico.

Ao mesmo tempo que a febre amarella invadia, em 1849, a Bahia, lançava tambem suas mãos destruidoras sobre Pernambuco, onde, si bem que muito mais benigna do que na Bahia, fez, comtudo, 2800 victimas. Em 1852 reappareceu de novo e foi declinando até

1865, época em que ausentou-se, de todo, até 1870, desde quando reinou com extrema benignidade até fins de 1872.

Em 1850 houve pequenas epidemias no Maranhão, Ceará, Parahyba e Piauhy. Em 1862 a febre amarella fez 400 victimas em Sergipe. No Pará, Alagôas, Amazonas e Espirito Santo observou-se em 1850 e em 1860 alguns casos esporadicos.

Na cidade do Rio de Janeiro os primeiros casos de febre amarella derão-se em fins de 1849. Dessa época até 1850, 80,000 individuos forão accommettidos, fallecendo 4,160.

Esta cidade estava nas melhores condições de receber a filha do Mississipe.

« Agglomeração subita de população pela chegada constante de immigrantes para a California, accumulação de africanos eivados de molestias graves de toda a especie, calor ardentissimo no estio, sêcca prolongada, ausencia de trovoadas, e, o que é mais grave, total abandono da hygiene publica, forão, diz o Sr. Barão de Lavradio, os elementos favoraveis ao desenvolvimento e gravidade da febre amarella ».

Em 1852 contou-se 1943 victimas; em 1853, 853; em 1854 a febre amarella desappareceu para surgir de novo em 1857, fazendo 1,525 mortes. Desde então ella existio sempre, mais ou menos benigna, nos annos seguintes.

Em 1870 cobrou novo vigor; em 1873 fez estragos consideraveis e no anno presente flagellou o povo fluminense, ajudada pela incuria do governo e dos particulares.

Na provincia do Rio de Janeiro, o typho americano visitou Nitherohy, Campos, Mangaratiba e outros portos de mar. Appareceu em 1850, 1853 e 1859 na provincia de S. Paulo; em 1852, 1857 e 1870 visitou o Paraná; em 1852 e 1870 mostrou-se em Santa Catharina.

Conclue-se deste resumo da historia da febre amarella:

1º. Que as provincias de Goyaz, Matto-Grosso, Minas e Rio-Grande do Sul forão poupadas pelo monstro do Mississippi;

2º. Que elle tem exercido sua fatal influencia principalmente no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco;

3º. Que parece a febre amarella ter-se tornado endemica na côrte.

Tal é, em duas palavras, a historia desse grande flagello no Brazil, dessa hydra de cem cabeças, que ergue-se sempre medonha e fatal, apezar de estudada e combatida por talentos da ordem dos Srs. Barões de Petropolis e Lavradio, Drs. Paula Candido, Torres Homem e outros.

Cholera

Hippocrates, em seu 4º livro — *De ratione in acutis*, e Galleno, em seus — *Commentarios* sobre esses livros, fallão do cholera.

Ambos dizem que elle appareceu sempre no estio, durante o reinado das febres intermittentes. Baillou, escriptor do seculo XVI, diz que o cholera foi sempre precedido por febres perniciosas e de máo caracter.

O cholera que conhecemos hoje será o cholera desses tempos? A India, onde dizia-se: Uma das quatorze cousas preciosas que os deuses produzirão agitando o oceano, é um medico instruido — a India não nos offerece documentos scientificos. Entretanto, Daremberg affirma que o cholera que foi observado antes de 1817 era o cholera nostras. Fauvel observa que, *pelo menos*, o cholera tomou, em 1817, um caracter novo. Pensamos com Daremberg e Fauvel.

Ao norte de Calcutá existe uma villa situada no Delta do Ganges, mal ventilada e rodeiada de uma quantidade immensa de aguas estagnadas.

Essa villa, que chama-se Jessore, foi o berço do cholera em 1817. Elle disimou as populações do Hindostão, da Persia, da Asia Menor, da China e de Sião; invadio as possessões inglezas e francezas ao sul da Africa, recuou diante do Cabo da Boa-Esperança, invadio de

novo a Persia, subio ao Caucaso e mostrou-se em Astrakan em 1823. Retrocedeu, ainda, para a Asia, depois de atravessar as vastas planicies da Tartaria.

Em 1827 a Europa estremeceu á noticia de que o mortifero habitante do Ganges havia apparecido em Oremburgo. Nessa época o cholera invadio a Allemanha, a Austria, a Italia, a Polonia, a França, a Hespanha e Portugal; saltou aos Estados-Unidos, onde fez estragos consideraveis em suas principaes cidades.

Em 1846, 1854, 1857, 1861 e 1863 novas epidemias grassárão em diversos paizes da Europa.

Foi em 1855 que o cholera, perfeitamente caracterisado, appareceu no Brazil, invadindo, primeiro, a provincia do Pará e os lugares ribeirinhos do Alto-Amazonas.

De 16,800 pessoas que forão affectadas, 4,715 morrêrão.

Os Drs. José da Gama Malcher e Camillo José do Valle, membros da commissão de hygiene publica, sustentárão que a molestia não era nova na provincia, e, como prova de sua assersão, apresentárão os seguintes argumentos: 1°. Que o padre Antonio Vieira, em cartas dirigidas ao governo portuguez, fizera menção de uma molestia epidemica caracterisada por vomitos e diarrhea com dôres agudissimas no ventre; 2°. Que em 1827 o Dr. Antonio Corrêa de Lacerda observou o cholera, em sua clinica; 3°. Que em 1833 e 1849 o cholera tambem havia apparecido, deixando-se conhecer pelos seguintes symptomas: febre precedida de calefrios, vomitos mucosos ou biliosos, dôres no estomago e ventre, lingua esbranquiçada, prisão de ventre em uns, dysenteria em outros, dôres arthriticas e erupção de pelle; 4°. Que a maior gravidade, em 1855, dependeu de causas extraordinarias, como calôr extremo desde os ultimos mezes de 1854, falta de chuvas quotidianas, carencia repentina de carne verde, uso exclusivo de bacalhau em pessimo estado etc.

Em 1855 e em 1856, o cholera assolou a Bahia. Durante essas

duas epidemias morrêrão, na capital, 9,849 pessoas ; na Cachoeira, 8,293 ; em Maragogipe, 1.894 ; em Santo Amaro, 8,444; em Nazareth, 3,215 ; em Valença, 1,647.

Perturbações importantes no estado sanitario forão observadas em fins de 1854, e a commissão de hygiene publica attribuio o cholera a *aguas putridas* e *esterquilinos* de *extensão enorme*.

Em Julho de 1855, o mortifero habitante do Ganges fez erupção na Côrte, e devastou, diz o Sr. Barão de Lavradio, com mais intensidade, as ruas proximas ao littoral e ao mangue da Cidade Nova. Estendendo-se á Paquetá, Guaratiba e Irajá fez o consideravel numero de 5,828 victimas. Reappareceu em 1867 e apenas matou 234 pessoas.

O cholera de 1855 estendeu-se á provincia do Rio de Janeiro. Em Campos morrêrão 1,192 pessoas; em S. João da Barra, 605; em Nitherohy, 480 ; em Barra Mansa, 328 ; em Cantagallo, 206 ; em Magé, 106 ; em Vassouras 72 ; na Estrella 114 ; em Mangaratiba 29, e em Valença, 24.

Em 1855 e em 1866 duas epidemias grassárão na provincia de Sergipe, e, durante ellas, 22,000 pessoas fallecêrão. Em 1856 e 1861, Pernambuco soffreu dous insultos cholericos.

No primeiro, morrêrão 37,586 individuos ; no segundo, 3,000.

Em 1856, as Alagôas, a Parahyba, o Rio Grande do Norte, o Espirito-Santo, S. Paulo, Santa Catharina e o Rio Grande do Sul pagárão pesado tributo. Na Parahyba, morrêrão 25,735 pessoas; nas Alagôas, 17,000; no Rio Grande do sul 4,000.

Peste.

Nos annaes da mais remota antiguidade faz-se menção de muitas epidemias de peste. Papon as refere.

No *Exodo*,, Moysés cita as seguintes palavras de Deus : *Fiat pulvis super omnem terram Egypti; et erunt super homines et*

quadrupeda, ulcera, vesicæ effervente... Et facta sunt ulcera, vesicæ effervente... Et in hominibus et in quadrupedis facta sunt ulcera in veneficis et in omni terrâ Egypti.

É impossivel formar-se opinião sobre a natureza dessa molestia cem os dous unicos signaes : ulceras e tumores. Entretanto, Krause acredita na variola, e Daremberg conjectura uma verdadeira peste.

A primeira grande epidemia de peste, bem conhecida, teve lugar em Athenas, no anno de 429 antes de Christo. Ella inaugura o apparecimento desses flagellos cosmopolitas que se substituem no curso dos tempos e infligem á familia humana o mais pesado tributo.

Thucydides, em sua Historia da guerra do Peloponeso, faz della uma brilhante descripção. Mais tarde, quatro centos annos depois, Lucrecio, com grande habilidade, resumio, no ultimo canto do seu poema — *De naturâ rerum*, — os symptomas, a marcha e os soffrimentos que essa molestia infligia aos doentes os quaes, em extremo do desespero, só pedião a Deos uma morte prompta.

A segunda epidemia teve lugar no anno de 395, antes de Christo. Diodoro da Sicilia, historiador grego, faz a sua descripção em sua —Bibliotheca Historica,— e a atribue ao calôr e á agglomeração de milhões de homens em um lugar baixo e pantanoso.

Tito Livio diz que, em 174 antes de Christo, houve, em Roma, uma grande epidemia que foi precedida de epizootia bovina, e que nem os cães nem os abutres tocavão nos cadavares que jazião sem sepultura. « *Cadavera intacta a canibus et vulturibus tabes absumebat, satisque constabat nec illo nec priore anno in tanta strage boum hominumque vulturium usquam visum.* » O mesmo disse Thucydides relativamente á peste de Athenas.

No anno 66 da éra christã houve, em Roma, durante o reinado de Nero, uma epidemia que, segundo Suetonio, matou, em dous mezes, 30,000 Romanos. Tacito, fallando a respeito desta epidemia,

diz, em seus — *Annaes*, — que ella foi precedida por grandes perturbações meteorologicas.

Em 161, quando o exercito romano apoderou-se da Seleucia, aprouve ao destino que uma nova epidemia se mostrasse. Essa epidemia, que tomou o nome de peste Antonina, durou, segundo Anglada, 15 annos, e, na opinião de Littré, foi identica á de Athenas.

Em 187, houve nova epidemia relatada por Dion Cassius; em 252, outra descripta por Eutropio, historiador latino, e na qual morrião, em Roma e em alguns lugares vizinhos, 5,000 pessoas por dia.

De todas as epidemias de peste a mais fatal foi, sem duvida, a que desolou o mundo de 1348 a 1350. Foi chamada *pestis atrocissima*, *grande peste*, *morte negra e morte*.

Os Italianos a appellidárão de peste de Florença, por causa, diz Henri Martin, das illustres victimas que ella fez nessa cidade que era, então, o mais importante fóco de civilisação na Europa. Foi e é, ainda hoje, mais commummente conhecida pelo nome de *peste negra*.

O qualificativo *negra*, segundo uns, traduz o luto que cobria as populações; segundo outros, é filho da coincidencia do apparecimento de um cometa negro; na opinião de Anglada, exprime, apenas, uma modificação na côr da pelle, post mortem. Sahindo de Cathay, a peste negra invadio a China.

Depois de ter feito 13 milhões de victimas nesse paiz, chegou á India, á Arabia, ao Egypto e, finalmente, á costa septentrional da Africa. Demorou-se algum tempo nas ilhas do Mediterraneo, surgio, depois, em Florença; appareceu no resto da Italia, na França, na Inglaterra, Belgica, Hespanha, Hollanda, Suecia, Allemanha e foi perder-se na fria Groenlandia.

Tal é, em poucas palavras, a historia das principaes epidemias de peste, e com ella damos termo ao historico das molestias

pestilenciaes. As grandes devastações que o mundo tem soffrido por causa destes flagellos confrangem a alma. O espirito recúa diante de tanta catastrophe e, instinctivamente, perguntamos, como Plutarco: Os monstros ainda virão?

CAPITULO III

Symptomatologia

Se um historiador, relatando os feitos de um grande vulto, não fizesse a sua biographia e não descrevesse o seu physico e moral, commetteria uma grande falta. O que se dá com o historiador, dá-se, tambem, com o medico.

O medico que escreve sobre uma molestia, cuja origem perde-se na mais remota antiguidade, tem obrigação de conhecer as varias mutações por que ella tem passado.

Os conhecimentos historicos das molestias, sobre serem agradaveis, como muito bem disse Daremberg, são de grande utilidade na vida pratica. Assim, em grave erro incorreria aquelle que, para combater o cholera epidemico, que é cruel, empregasse os mesmos meios de que lançaria mão se, por ventura, tivesse diante dos olhos um caso de cholera esporadico, que é benigno.

Para não commettermos essa falta e para que as pessoas alheias á medicina, que lerem esta these, possão fazer idéa das tres molestias pestilenciaes sobre que escrevemos, procuraremos dar um acanhado resumo da symptomatologia da febre amarella, do cholera, e da peste.

*
* *

A marcha da febre amarella é dividida em tres periodos. No primeiro, chamado de *reacção*, *congestivo ou inflammatorio*, o doente

experimenta um calefrio de intensidade variavel, cephalalgia forte, dôres lombares e nos membros inferiores, e febre intensa. A face torna-se animada, os olhos injectão-se, lacrymejão, a pelle apresenta-se rubra, a lingua, em alguns casos, é saburrosa, em outros, a unica mudança que soffre é algum rubor na ponta e bordas.

Ha dôr epigastrica, algumas vezes ha vomitos, outras, nauseas. As ourinas tornão-se raras, mais vermelhas, e deixão, ás vezes, precipitar albumina pelo acido azotico ou pelo calor. Em quasi todos os casos observa-se constipação de ventre.

O segundo periodo, denominado *enganador* por alguns pathologistas, *quinico* pelo Sr. Barão de Petropolis, *intermediario* e *quinico* pelo Dr. Torres Homem, é caracterisado pela diminuição da febre, dôres lombares e de todos os outros symptomas do primeiro periodo.

Os doentes julgão-se bons. O medico, porém, não deve esquecer-se de que esse periodo é de decisão. O Dr. Torres Homem chama a attenção de seus alumnos, e com justa razão, para quatro symptomas que podem existir nessa eminencia.

Esses symptomas são: permanencia da febre em gráo inferior ao do primeiro periodo, albuminuria, anxiedade epigastrica e insomnia.

Isolados, esses quatro symptomas traduzem um prognostico dubio; reunidos, annuncião o apparecimento do terceiro periodo em toda a sua força e, quasi sempre, uma terminação fatal.

O terceiro periodo, periodo *hemorrhagico* ou *ataxico-adinamico*, é caracterisado pela côr bem amarellada da pelle, pelas hemorrhagias que têm lugar no estomago, utero, bocca e tecido sub-cutaneo, pela anuria, pela albuminuria consideravel, pelos symptomas ataxico-adynamicos, como delirio, sobresalto dos tendões, carphologia, crocidismo, coma, tremor da lingua e soluços.

Os symptomas do terceiro periodo não são constantes; apparecem, ás vezes, simultaneamente, o que é gravissimo; em outras occasiões, se bem que raras, são só os phenomenos ataxico-adynamicos que se mostrão.

*
* *

O unico effeito directo do veneno cholerico é um catarrho intestinal. A abundancia da transudação desse catarrho, diz o Dr. Jaccoud, decide das fórmas clinicas que apresenta o cholera, produzindo alteração na consistencia do sangue.

Assim, para o Dr. Jaccoud, ha tres fórmas de cholera de gravidade crescente, segundo o espessamento do sangue é nullo, mediocre ou extremo: cholera mucoso ou catarrho cholerico, cholerina ou cholera seroso, cholera asphyxico ou paralytico.

O cholera mucoso, que tem tomado o nome de diarrhéa premonitora, por traduzir o primeiro periodo de uma fórma mais grave, tem, por symptoma fundamental, uma diarrhéa sem colicas; as evacuações são compostas de materias mucosas coloradas pela bilis. Ás vezes ha signaes de catarrho gastrico, de anorexia; a lingua torna-se branca, a bocca amarga; ha nauseas, sêde, e mesmo um ligeiro movimento febril.

As evacuações mucosas, posto que não muito frequentes, produzem fadiga e prostração extremas, tendencia ao resfriamento, e, em alguns casos, suores profusos.

O cholera seroso é caracterisado por evacuações muito copiosas de materias puramente liquidas, apresentando os caracteres que lhe têm valido a comparação com canja de arroz.

O liquido evacuado, composto principalmente de grande quantidade de agua, de epithelium e cellulas novas, é tanto que, em pouco tempo, o doente prostra-se.

Concorrem para o estado de prostração em que cahe o doente, as materias vomitadas de natureza identica á das evacuadas e que apparecem ao mesmo tempo.

Tão grandes e continuadas perdas produzem, como effeito certo, o espessamento do sangue, e os resultados desse facto pathologico são:

hematose menos activa, halito frio, perda de turgescencia dos tecidos, demora da circulação, pelle fria e cyanosada, diminuição na secreção da ourina, aphonia e sêde intensa.

O cholera asphyxico é o ultimo gráo a que póde chegar o cholera seroso.

Quando o cholera chega a esse periodo, cessão os vomitos e evacuações por esgotamento do organismo.

Depauperado em extremo, o doente soffre notavel metamorphose, seus traços desfigurão-se; pelo desapparecimento do tecido gorduroso os dedos e membros afilão-se, a pelle enruga-se e põe-se em equilibrio de temperatura com o meio ambiente.

A stase circulatoria é levada ao ultimo ponto, não só pela condensação do sangue, como pela paresia cardiaca.

Como consequencia das difficuldades de hematose, o sangue torna-se negro por se achar carregado de acido carbonico.

*
* *

Um individuo affectado de peste abandona-se, quasi completamente, á acção das leis physicas. Assim, elle permanece deitado, quasi immovel, dando signaes de extrema prostração. O seu facies é o typo da indifferença, muito semelhante ao facies de um doente de febre typhoide. Perseguido de insomnia atroz umas vezes, outras cahindo em coma profundo, o doente delira, e o delirio é manso ou furioso.

O pulso torna-se frequente, pequeno; o sangue condensa-se e torna-se escuro; a temperatura eleva-se; a respiração accelera-se. O doente vomita materiaes aquosas, ás vezes sanguinolentas, tem diarrhéa. Tantas perdas produzem sêde inextinguivel. Em época indeterminada, horas ou dias depois do apparecimento desses primeiros symptomas, o corpo do desgraçado cobre-se de bubões, anthrazes, carbunculos, e de varios exanthemas.

Os bubões pestilenciaes são tumores formados por ganglios

lymphaticos. Nascem na verilha, axilla, nas regiões cervical e parotidiana e, raramente, no concavo popliteo. Os anthrazes têm a fórma de uma mancha vermelha de tres ou quatro dedos de extensão; são extremamente dolorosos; occupão o dorso, as espaduas e as verilhas; terminão-se pela resolução ou gangrena.

O carbunculo é formado por uma pustula coberta de serosidade negra. A mortificação, que invade as partes carbunculosas, penetra profundamente. O tronco, os orgãos genitaes, a face e o couro cabelludo são os lugares em que, ordinariamente, se observa o carbunculo.

Quando os bubões, anthrazes e carbunculos apparecem simultaneamente, ou, quando isolados, tomão um caracter serio, symptomas geraes muito graves vêm complicar a molestia.

Assim, uma viva reacção febril, dyspnéa atroz, abolição ou perversão dos sentidos, soluços, syncopes e hemorrhagias vêm aggravar o triste estado do doente, e este morre victima de tantos males que fazem da peste um medonho Protheu.

CAPITULO IV

Etiologia

Nous ne connaissons le tout de rien. (Montaigne.)

Por occasião dos grandes acontecimentos os espiritos se agução e todos querem conhecer as causas que lhes derão origem. Cada um explica o facto a seu modo, e engendra contos que nem sempre exprimem a verdade. Dahi a confusão e discordancia.

Isso que se dá na vida commum acontece, tambem, na vida scientifica. Em face das grandes epidemias, os homens da sciencia, querendo explicar as suas causas, creão theorias, ás vezes, singulares e absurdas.

É que a etiologia desses flagellos está um pouco fóra do alcance da intelligencia humana e dos limites que Deos traçou ás nossas concepções e investigações.

Assim, Hippocrates attribue as epidemias ás variações atmosphericas. Sydenham observa as constituições meteorologicas e procura deduzir dahi as constituições medicas e, não podendo achar nas primeiras a causa completa das segundas, reconhece, nas qualidades do ar, um *quid divinum*. Admitte Sydenham, portanto, uma constituição epidemica durante a qual todas as molestias tomão um caracter especial.

Hecker defende a *etiologia cosmica*, e pensa que as epidemias nascem de perturbações na ordem physica.

Fuster julga que a verdadeira causa é uma *combinação indeterminada de causas cosmicas e de influencias moraes e politicas*, e faz, no seu livro—Des maladies de la France— uma habil resenha das grandes crises moraes, precedendo sempre o apparecimento das molestias pestilenciaes, e pede emprestadas a Noah Webster as provas que subordinão a geração das grandes epidemias ás influencias cosmicas extraordinarias. Podiamos citar muitas outras theorias, algumas excessivamente absurdas em que se dá, como causa dos flagellos pestilenciaes, a colera dos deuses, a influencia de certos astros, etc. Pensamos, porém, como Cornilliac, que a etiologia das molestias pestilenciaes deve ser deduzida do estudo dos accidentes e natureza dos terrenos e do das variações atmosphericas nos lugares em que ellas, de predilecção, exercem seus furores; e, por pensarmos assim, trataremos, separadamente, da etiologia da febre amarella, do cholera e da peste.

Parece hoje fóra de duvida que o littoral pantanoso das regiões equinoxiaes é um fóco constante de febre amarella.

Se não bastasse para proval-o o facto de ter ella se tornado endemica em lugares pantanosos como Vera-Cruz,Havana, S. Domingos, Martinica e Antilhas, ahi estavão, para dar força a essa opinião, as observações de Proust, que em sua Hygiene Internacional, diz *ter o solo das Antilhas todas as variedades de pantanos, que podem dar nascimento ao miasma da febre amarella*; de Marcus que, em seus — Annaes de litteratura medica, a attribue a emanações provenientes de materias vegetaes e animaes putrefactas em aguas estagnadas; de Bally que, como causas dessa molestia em S. Domingos, aponta *um calor excessivo e pantanoso de que a costa está cheia*; do Dr. Torres Homem que acredita em um miasma mixto, composto de partes paludosas e typhicas, e subordinado á influencia maritima.

A pequena elevação do sólo acima do nivel do mar é, na opinião de muitos observadores, uma das condições pathogenicas da febre amarella, e affirmão alguns que nos pontos collocados a 3000 metros acima desse nivel não se tem observado o typho icteroide.

A meteorologia concorre, em grande parte, para o apparecimento do typho americano. Assim, as epidemias de febre amarella são sempre precedidas de grande calor que, comtudo, quasi nunca excede a 26° ou 27° centigrados.

Acreditão os pathologistas que os estios e invernos extremos são obstaculos ao desenvolvimento d'essas epidemias porque, no primeiro caso, ha dissecação rapida dos pantanos, e, no segundo, coagulamento dos miasmas.

Em 1850, o Sr. Conselheiro Paula Candido observou notavel diminuição de ozona na atmosphera e notou que a epidemia, que então reinava, decrescia á proporção que aquelle gaz augmentava.

Referem alguns pathologistas a influencia dos ventos; parece provavel que elles, com effeito, concorrão para o desenvolvimento

da febre amarella em lugares vizinhos aos fócos de infecção pela propriedade que têm de conduzir os miasmas.

Pantanos, calôr, humidade, influencia maritima e modificações de electridade talvez, são, portanto, as causas que, na opinião de quasi todos os observadores, combinão-se para produzir o principio gerador da febre amarella.

Para explicar a natureza desse principio, cuja existencia é hypothetica, o distincto Conselheiro Paula Candido diz que — « o ar atmospherico encerra, accidentalmente, corpos organicos, em fórma de gazes, que condensão-se com a neve e chuva, que são absorvidos por corpos porosos que passão, sob a acção do ar e do sol, a acido carbonico, agua e ammoniaco que são demonstrados pelos reagentes chimicos em innumeras experiencias, e é o que se chama miasmas ou emanações organicas ».

Accrescenta o Conselheiro Paula Candido que nesses miasmas se dá um fermento excitador que é necessario para produzir-se a molestia, e que esse excitador, actuando sobre os miasmas da febre intermittente, typhoide, etc., póde dar nascimento á febre amarella.

A theoria do chorado professor de Physica não está isenta de defeitos, e o primeiro delles é o fermento excitador cuja existencia não passa de uma hypothese.

O Dr. Torres Homem pensa, como já o dissemos, que o miasma do typho icteroide é o resultado de uma combinação dos miasmas paludoso e typhico modificados pela influencia maritima. Este modo de pensar, se não tem o brilho da verdade, possue, ao menos, o grande merito de satisfazer o espirito, porquanto elle é filho do estudo da etiologia, symptomatologia e tratamento da molestia.

Causas predisponentes.—As indigestões, os excessos, as paixões vivas, o medo e a falta de acclimação são, sem duvida alguma, causas predisponentes da febre amarella.

A falta de acclimatamento e o medo têm, sobretudo, notavel

influencia no desenvolvimento desta molestia, assim como no de todas as outras epidemias pestilenciaes.

Assim, o numero dos affectados do typho americano pertence, quasi exclusivamente, a individuos recem-chegados ao lugar em que reina a molestia. Aqui no Rio de Janeiro é,com effeito, o que se dá. Por que esta predilecção?

A resposta parece facil.

Os individuos não acclimados respirão, de improviso, um ar viciado, soffrem a acção de um clima novo, quente, como é sempre o dos lugares em que se origina a febre amarella, e, por tal motivo, o organismo, enfraquecendo-se, torna-se apto á acquisição da molestia.

Os lugares baixos e humidos são aquelles que o cholera escolhe, de preferencia, para suas devastações. Tem elle reinado, com effeito, em lugares pantanosos como Jessore, Bombaim, Madrasta, etc., e parece ter-se tornado endemico nesses lugares. Dão, ainda, força a essa opinião as abservações de Griesinger, Farr, Mottard, Pettenkofer e tantos outros.

Pettenkofer, não ligando importancia á composição chimica dos terrenos, estudou, aturadamente, os seus caracteres physicos e reconheceu que as localidades, em que o cholera grassava epidemicamente estavão collocados em terreno poroso, permeavel ao ar e á agua, e que as cidades edificadas em sólo composto de rochas e impermeavel á humidade tinhão sido completamente poupadas.

Hirsch é da mesma opinião.

Não ha duvida, diz elle, que uma epidemia de cholera só tem lugar em localidades collocadas em terreno poroso e permeavel; ao contrario, um terreno pedregoso, solido, não podendo ser penetrado pela agua, exclue o apparecimento dessa molestia.

Os factos aqui no Brasil confirmão, tambem, a grande influencia

dos pantanos na producção do cholera. Na opinião dos Drs. José da Gama Malcher e Camillo José do Valle, a epidemia que em 1855 assolou o Pará foi devida ás pessimas condições hygienicas em que se achava a provincia e a excessivo calor.

Na Bahia, a epidemia de 1855 foi attribuida, pela commissão de hygiene publica, a aguas putridas e a decomposições de materias organicas.

A importancia das condições atmosphericas na etiologia do cholera é manifesta. É no estio que elle mostra-se mais violento; um frio extremo parece ser um obstaculo a seu desenvolvimento, se bem que uma grande epidemia já fosse observada em Moscow com uma temperatura de 10° abaixo de zero.

Os epidemiographos acreditão que o ar atmospherico que precede de pouco, as epidemias de cholera é humido e quente, e que, difficilmente, move-se nas camadas inferiores. É muito provavel que assim seja, porque calor e humidade são elementos que favorecem a putrefacção das materias organicas, condição muito importante na etiologia do cholera.

Na opinião de Hirsch e de Griesinger, o cholera é mais frequente na mulher que no homem, e a idade adulta é a mais sujeita a seus insultos.

Posto que a infancia esteja em melhores condições de observar o miasma cholerico, parece verdadeira essa opinião se attender-se aos effeitos do terror.

O cholera é uma dessas molestias que mais numero de victimas faz na classe pobre. E, com effeito, entre os proletarios mal alimentados e que vivem agglomerados em habitações humidas que elle se torna mais grave e frequente. No Rio de Janeiro quasi que se tem limitado á raça preta.

A conferencia de Constantinopla, tratando da influencia das agglomerações, formulou as tres leis seguintes:

1.ª Toda a agglomeração de homens na qual se introduz o cholera é uma condição favoravel á extensão rapida da molestia.

2.ª A rapidez da extensão é proporcional á concentração da massa agglomerada.

3.ª Em uma massa agglomerada quanto mais rapida é a extensão da molestia mais prompta é a sua cessação.

Eis, em resumo, o conjuncto das causas do cholera apresentadas por muitos pathologistas; são ellas que, actuando de combinação, dão lugar á formação do miasma cholerico, cuja natureza ainda não é conhecida.

*
* *

O Egypto foi, na mais remota antiguidade, um paiz de poesia. Tudo o que a natureza possue de esplendido ahi se encontrava. Estava elle livre dos inconvenientes de um clima rigoroso pela amenidade de seu sol, pela pureza do ar, pela fertilidade do solo e pela limpidez de suas aguas.

Representantes da civilisação, os Egypcios accrescentárão, aos dons da natureza, os bens que a sabedoria, a força e a intelligencia humanas sóem produzir. Ao lado das pyramides, dos templos e monumentos de toda a especie que, de Thebas a Memphis, erguião-se orgulhosos, via-se as aguas do Nilo correrem por um systema de canaes admiravelmente concebido. Por toda a parte cultivado, cheio de habitações edificadas segundo as regras hygienicas, o Egypto foi, durante muitos seculos, um paiz dos mais sadios do globo.

Atravessou, cheio de pujança, o dominio dos Pharáos, dos Persas, de Alexandre e parte do governo romano.

Então, as cousas mudárão-se; os Egypcios, os homens das pyramides e dos grandes monumentos de outr'ora, passárão a habitar miseraveis cabanas, baixas e humidas; na terra humedecida dessas palhoças deitavão-se, desordenadamente, familias inteiras; a

abundancia de outros tempos foi substituida por extrema carestia das cousas mais necessarias á vida.

Por toda a parte a miseria, e, mais ainda, a ausencia completa de hygiene publica.

Tinhão os cemiterios collocados no meio das cidades e sepultavão os corpos até no chão de suas proprias casas.

O tempo e os homens destruirão os canaes, e o Nilo, espraiando-se, de quando em quando, pelas planicies, formava terriveis pantanos.

Pois bem, foi depois dessa marcha retrograda da civilisação egypciaca que a peste appareceu, e, assim, parece fóra de duvida que esse descalabro de costumes e da hygiene publica apressou o apparecimento desse flagello pestilencial.

Mas, os pantanos e a putrefacção das materias organicas animaes não são as unicas causas capazes de produzir a peste.

Como acontece com a febre amarella e com o cholera, o calor e a humidade atmospherica tem grande influencia, e o desenvolvimento da peste é favorecido por uma temperatura de 20° a 30° Réaumur, e está sempre na razão directa da humidade atmospherica, como observou Pugnet.

O terror como causa predisponente

Não ha medico que ignore a influencia que o moral exerce sobre o physico dos doentes. Uma emoção dolorosa aggrava, muitas vezes, o estado de uma ulcera; um simples accesso de colera, uma noticia subita, o medo repentino tem matado muita gente, com uma presteza de raio.

E Hippocrates já recommendava, como um dos primeiros deveres do medico que se animasse os desgraçados enfermos, e que, em seus espiritos, não se deixasse pairar a menor inquietação.

É que a saude do homem depende em parte do estado do coração.

Uma alma que aspira pela saude consegue, quasi sempre, o

restabelecimento do corpo, quando não ha impossibilidade material. Mas, uma alma fraca que se deixa dominar pelo terror, dá motivo a um prognostico fatal.

Acredita um homem, por occasião de uma epidemia pestilencial, que está irremediavelmente perdido; esse homem torna-se triste e medroso.

A tristeza, roendo-lhe o coração, destroe-lhe as forças; o medo, que não é mais do que uma perturbação da alma que se crê abandonada, traz a descrença.

Doente, fraco e descrente é doente perdido.

O terror em tempo de epidemias produz fataes resultados; quadruplica a mortalidade na opinião de Brayer.

O dizer de Brayer é justificado pelas estatisticas, e estas provão que as crianças, cuja intelligencia não póde comprehender o perigo, pagão pequeno tributo ás molestias pestilenciaes.

No importantissimo diccionario do Dr. Jaccoud vem transcripta uma legenda que reproduzimos pela sua singularidade. Um viajante foi escolhido para introduzir a peste em uma cidade. Depois de muito esquivar-se ao cumprimento de tão triste missão, elle aceitou-a e estipulou que o numero dos mortos seria limitado.

A peste esteve tres dias nessa cidade, e o numero das victimas excedeu, de muito, ao numero marcado.

As increpações feitas pelo viajante, a peste respondeu: Foi o medo que matou o excesso.

Ao envez do terror, as impressões alegres produzem os mais beneficos effeitos. Assim, a peste não achou mais predisposições no exercito francez, em Jaffa, depois que Napoleão collocou a mão em um bubão pestilencial. Em Varsovia, segundo Brière de Boismont, o cholera diminuio de intensidade logo que os espiritos se acalmárão pelo descredito das idéas do contagio. Como estes exemplos podiamos citar muitos, de que os livros de medicina estão cheios.

Pelo pouco que temos dito vê-se bem quanto póde o moral sobre

o physico do homem. Ter animo, fé e esperança é, portanto, uma necessidade indeclinavel em tempo de epidemias. Ninguem deve esquecer que a vida humana depende, como já o dissemos, em grande parte, do estado do coração. A esperança salva, a inquietação mata.

CAPITULO V

As molestias pestilenciaes são contagiosas?

A questão de saber se as molestias pestilenciaes são ou não contagiosas é uma questão difficil, é um desses problemas que maiores debates têm suscitado na sciencia, e que muitos julgão impossivel de ter uma solução. Sem duvida, evitariamos de fallar a respeito se esse assumpto não formasse o ponto principal de nossa these e não fosse a fonte donde dimanará a segunda parte desta dissertação.

A questão não é essencialmente medica: é, tambem, social. O bem-estar dos povos e o seu socego estão, em parte, presos á solução desse problema.

Questões internacionaes têm havido e ainda terão lugar por causa da divergencia dos medicos no assumpto. As nações, poucas é verdade, aproveitão-se dessa indecisão para varios fins. Umas auferem lucros com lazaretos chronicos, outras desfeiteão suppostos inimigos. A Confederação Argentina está no ultimo caso.

Com o intuito de fazer crêr ao estrangeiro que a nossa querida patria é um fóco constante de epidemias e, assim, desviar a corrente de emigração que da Europa se dirige á America, a Republica Platina fecha, quando bem lhe parece, seus portos aos navios que tocão em nossas plagas.

A Providencia a tem castigado. O Brasil, o deleixado, tem soffrido

muito menos que ella, a cautelosa. Que o digão as constantes epidemias com que Buenos Ayres tem lutado, e, principalmente, a de 1871.

É por isso que entendemos que toda e qualquer polemica travada entre contagionistas e anticontagionistas, quando se trata de molestias que affectão grandes populações e serios interesses sociaes, não é completamente esteril, como já disse o distincto Dr. Torres Homem. O habil professor de clinica medica assim se exprimio porque os factos a que os coriphêos de uma e outra doutrina recorrem para sustentar suas opiniões chocão-se mutuamente.

Falsos ou verdadeiros, prestão-se elles, com effeito, á sustentação das duas theorias, o que, seja dito de passagem, é um grande mal para os contagionistas que, nelles, vêm a base de suas opiniões.

Mas quando os factos, que, na opinião de Pariset, formão uma das primeiras autoridades em medicina, não resolvem uma questão, resta ao medico o raciocinio, e é para o raciocinio que appellaremos.

Antes, porém, definamos as palavras *contagio* e *infecção*. É tal a confusão a respeito da definição da palavra *contagio* que a *Commissão da peste* nomeada pela Academia de Medicina de Paris, em 1844, chegou á singular conclusão que a peste não era contagiosa e sim transmissivel, não applicando a palavra — *contagiosas* — senão ás molestias communicaveis por contacto immediato. É raro encontrar-se um autor que não comprehenda as palavras—contagio e infecção—de um modo especial ; e, para que não haja duvida sobre o sentido que daremos a essas palavras, vamos definil-as de modo simples e generico.

Entendemos por contagio o acto pelo qual uma molestia determinada se transmitte de um individuo que della é affectado a um individuo são, por um meio qualquer. Chamamos infecciosa a molestia que é devida a causas locaes que vicião a atmosphera, e cuja acção póde-se estender alem do fóco que produz esse viciamento.

Ditas estas palavras vejamos qual das duas doutrinas tem mais direitos aos fóros de verdade.

As idéas sobre contagio, relativamente ás grandes epidemias pestilenciaes, são falsas e filhas, sómente, de uma necessidade politica, em 1550; e, assim, podemos dizer que ellas nem têm por si a vantagem de provirem de uma convicção.

Hippocrates, creando os seus *miasmata et inquinamenta*, referio-se a uma causa geral affectando, *ao mesmo tempo*, um grande numero de individuos.

O *aer corruptus*, o *ventus pestilens* da Biblia mostrão que a causa da peste reside em um viciamento da atmosphera. Não se encontra, nos velhos auctores de medicina, cousa alguma que diga respeito ao contagio das molestias pestilenciaes, com excepção de Thucydides que, unico na antiguidade, fallou em contagionismo.

De um lado Hippocrates, o grande observador, a Biblia, os velhos compendios de litteratura medica; do outro Thucydides que foi, sem duvida, um grande general e nunca um medico. Que fé nos póde merecer Thucydides?

Foi em 1550 que appareceu o contagionismo classico: era o tempo de Machiavel e da Inquisição.

Fracastor, querendo ser agradavel a Paulo III, que desejava a transladação do concilio de Trento para Bolonha, creou o contagio da peste, justamente na occasião em que os medicos no Egypto negavão-n'o formalmente.

Estes factos, que só dizem respeito á historia do contagio, servem para pôr em relevo a origem da doutrina contagionista e fazer-se um juizo prévio sobre o que ella poderá ser actualmente.

Para que possamos affirmar que uma molestia é contagiosa devemos ter em vista tres condições:

1.ª Um ser homem ou animal, precedentemente doente.

2.ª Um principio elaborado ou secretado pelo doente.

3.ª A introducção desse principio no organismo do homem são, produzindo a mesma molestia de que emana esse principio.

As molestias incontestavelmente contagiosas gyrão sempre na orbita dessas tres condições precitadas e propagão-se tanto mais quanto os homens mais se expõem á sua contagiosidade.

As molestias epidemicas pestilenciaes têm existencia diversa, apparecem na ausencia de qualquer doente e só em virtude de causas locaes, extinguem-se apezar das relações incessantes dos homens sãos com os homens doentes.

Ora, essa diversidade das manifestações principaes das molestias realmente contagiosas e das molestias pestilenciaes põe fóra de duvida que o contagio das ultimas não existe.

Não negão os contagionistas que as molestias pestilenciaes possão provir de uma causa *desconhecida* e reconhecem assim que ellas são infecciosas.

Em favor da doutrina anticontagionista ha uma consideração de muito valor, e é aquella que se funda na espontaneidade das molestias.

Com effeito, a não admittirmos as idéas de Nacquart e de J. Adams, segundo as quaes seriamos levados a vêr no primeiro homem um compendio completo de pathologia, ou a não querermos resolver o famoso problema formulado por Voltaire, e procurarmos, com elle, onde e como o primeiro germen teve nascimento, seremos obrigados a negar o contagio das molestias pestilenciaes.

Para que, então, attribuir-se ao contagio e não á infecção o apparecimento do cholera, da febre amarella e peste em uma cidade ou hospital?

Na casa de saude do Bom Jesus do Calvario e na enfermaria de clinica medica nunca observámos um unico caso de contagio de febre amarella, e nesses lugares, existião todas as condições para que elle se désse.

No Paraguay, os doentes de cholera, segundo o Dr. Pereira da

Silva, distincto director da casa de saude do Bom Jesus, erão tratados em enfermarias geraes, onde existião doentes depauperados por ferimentos antigos e molestias chronicas, e, entretanto, nem um só caso de contagio teve lugar.

O facto de individuos que têm visitado navios provenientes de portos infectados de cholera, febre amarella ou peste, serem logo depois accommettidos de molestia identica, não serve de argumento em favor do contagionismo.

Um navio que sahe de um porto infectado leva, aprisionada com o carregamento, uma certa quantidade de ar do ponto de partida. Á chegada desse navio em porto estranho, os visitantes respirão um ar viciado, como que se transportão ao fóco de infecção. O proprio Fauvel é dessa opinião, e elle diz que o *cholera não póde ser transportado por homens que atravessão o deserto em caravanas, em quanto o é em navios.*

Na opinião de todos, dos proprios contagionistas, as molestias pestilenciaes, quando sporadicas, não são contagiosas. Porque, então, o serião no estado epidemico?

Os contagionistas respondem a essa intorrogação com um subterfugio, e dizem que o contagio não é um facto constante, um caracter inherente á natureza da molestia, considerão-o como uma qualidade nova, um elemento secundario que se une á molestia e que póde existir ou não.

O enunciado dessa explicação dada primeiro por Perlinus e sustentada por Fodéré, basta para que possamos ajuizar do gráo de verdade nella contido.

Admittil-a seria acreditar no contagio de todas as molestias.

Reuna-se ao que temos dito a inutilidade completa das quarentenas e cordões sanitarios, e poder-se-ha talvez affirmar que as molestias epidemicas pestilenciaes não são contagiosas.

Acreditamos isso, e sentimos estar em divergencia com o intelligente Dr. Souza Costa que, este anno, em duas eloquentes lições,

mostrou-se contagionista extremado. Approximamo-nos mais do Sr. conselheiro Jobim, que não é completamente adversario da doutrina anticontagionista, como o disse, no Senado, na sessão de 16 de Abril deste anno.

Para nós o contagio das molestias pestilenciaes reside no terreno, nas condições atmosphericas e no mephitismo animal.

Por que motivo, porém, a febre amarella tem tanta predilecção pela America, o cholera pela India e a peste pelo Egypto?

A sciencia é muda a esse respeito, se bem que Martin Damourette, querendo explicar essas predilecções, tenha dito: « L'Amérique est le pays de l'intempérance, le travail d'élimination du foie est exagéré, d'où la fiévre jaune; l'Inde est la contrée de la misère, et l'on sait que le choléra se manifeste de préférence chez les sujets affaiblis; la peste se rapproche du charbon qui recomait, pour cause première, la putrefaction des matières animales: or elle sévit en Egypte à la suite des debordements du Nil qui dépose, sur le sol, un grand nombre d'infusoires en voie de corruption. »

Lazaretos e quarentenas.

A divergencia que existe entre os hygienistas a respeito da etiologia das molestias pestilenciaes têm collocado os governos em serios embaraços. De um lado os contagionistas a pedirem, instantemente, os lazaretos e quarentenas; do outro, os coriphêos da doutrina da infecção a condemnarem essas medidas e a apontarem os pantanos e materias organicas em putrefacção como a verdadeira causa dessas molestias. Como muito bem disse o illustrado Sr. Dr. Caminhoá, em seu discurso sobre — As Quarentenas — pronunciado no congresso medico internacional de Vienna, os governos vêm-se assim collocados em um dilemma terrivel: ou o horror de contribuir para as hecatombes humanas, ou a dôr de prejudicar o interesse dos paizes, pondo embaraços á colonisação e ao commercio.

A questão, portanto, é importantissima e, sem duvida, procurariamos escrever sobre ella um longo capitulo, se não estivessemos convencidos da inutilidade desse regimen sanitario. E, por isso, apenas diremos algumas palavras sobre a sua historia.

É ao tempo das cruzadas que se prendem os lazaretos e quarentenas. Forão os primeiros fundados sob a invocação de S. Lazaro e destinados a receber os leprosos. Passárão, depois, a receber individuos e mercadorias vindas de paiz estrangeiro onde reinasse epidemias pestilenciaes.

A lei exigia que os viajantes ficassem reclusos durante quarenta dias; dahi o nome de *quarentenas*, que, ainda hoje, é, impropriamente, empregado. Veneza, tendo visto o seu territorio assolado pela peste no seculo XII, introduzio, a primeira, os lazaretos na Europa.

No seculo XV, a França, a Hespanha, a Allemanha e o resto da Europa os importárão, e as instituições sanitarias, em breve, se espalhárão pelo Oriente.

Fallando do lazareto de Veneza, Horrard disse: « O meu aposento consistia em uma camara muito immunda, repleta de bicharia, sem cadeira, sem leito, sem mesa; mandei lavar, durante um dia inteiro, o meu quarto; esta lavagem não purgou-o do máo cheiro, nem dissipou as dôres de cabeça que sentia. » Sobre o lazareto de Marselha, Alby disse o seguinte: « Nunca se vio cousa mais mal ordenada, ha perigo em ahi se achar e parar.

Em 1821, Chervin abalou nos medicos e no governo da França a crença no contagio da febre amarella e na efficacia das medidas sanitarias, e a França reduzio a 15 dias o tempo das quarentenas. Em 1824, a Inglaterra seguio o exemplo dado pela França.

Para fazer-se idéa do modo por que os doentes erão tratados nos antigos lazaretos, citaremos alguns periodos do discurso do Sr. Dr. Caminhoá.

« Les peuples de tous les pays et les médecins en général avaient

peur de s'approcher des malades qui, presque toujours, mouraient sans le secours de la science, et dont les cadavres restaient pendant long-temps sans sépulture. Quelques uns de vous auront encore probablement vu les costumes en taffetas ciré, les tenailles, les fers incandescents placés entre le lit du malade et le médecin, les bistouris d'un mètre de longueur, et ces monstrueuses instructions, soi disant hygiéniques, qui ordonnaient aux cliniques du lazaret de passer la visite à 12 mètres de distance du malheureux malade, qui voyait devant lui un monstre du fétichisme au lieu de l'ami calme et sublime du souffrant ! »

Que utilidade os lazaretos offerecem ao bem publico ? Foi muitos annos depois de sua creação que a peste deixou de affligir a Europa, e isto coincidio com o começo do desenvolvimento da civilisação no seculo XVIII.

Antes da existencia dessas casas de reclusão, no largo tempo de tres seculos, a Europa foi invadida por 105 epidemias ; nos tres seculos que seguirão-se á sua installação ella soffreu 143 insultos epidemicos. Mesmo no tempo em que as quarentenas erão rigorosamente cumpridas, as molestias pestilenciaes zombárão sempre dessas suppostas barreiras.

Hoje, os lazaretos existem *pro formulâ* e o nosso da Jurujuba só serve para mostrar a facilidade com que despendemos dinheiro.

No dizer de pessoa muito competente, os passageiros em quarentena nesse lazareto são ahi visitados e passeião mesmo pelas ruas desta cidade.

Vê-se bem a inutilidade desse systema sanitario que, por incapaz de pôr um paradeiro á marcha das epidemias, constitue um grande protesto contra a doutrina contagionista. Com excepção da França, Hespanha e Portugal onde elle existe completamente modificado, as outras nações da Europa o abandonárão de todo, e nem por isso a historia de suas pathologias relata maior numero de insultos epidemicos.

Antes, pelo contrario. O Brazil deve seguir o exemplo desses paizes e acabar com esse systema caduco, condemnado pela sciencia e escarnecido pela pratica.

Infecção

Porque pensamos que as molestias epidemicas pestilenciaes são infecciosas, dedicamos á theoria da infecção algumas palavras.

Vinte e nove annos depois de Fracastor crear a escola contagionista, Silvano Facio fundou, scientificamente, a escola contraria, e, por direito de antiguidade, foi proclamado seu chefe.

Até então a escola anticontagionista tinha por base um acervo de theorias extravagantes. Com excepção de Hippocrates, que podemos considerar verdadeiro chefe da doutrina da infecção, os outros medicos, não conhecendo de perto a causa das epidemias, as attribuirão a forças occultas, a influencias divinas, sideraes, etc.

De 1579 para cá, as idéas de Facio ganhárão terreno, e as definições mais arrojadas forão lançadas no mundo scientifico. Assim, disse-se: Molestia infecciosa é toda a molestia provocada por um agente morbifico, de que o ar é vehiculo.

Ora, esta definição vai além da verdade, porque o espirito recusa crêr que as emanações mercuriaes, plumbicas, etc., deixem de ter as mesmas propriedades que possuem em estado solido e que produzão acção diversa do envenenamento só pelo facto de serem conduzidas pelo ar.

Abrange essa definição, tambem, o virus contagioso que, por achar-se suspenso na atmosphera, não perde a propriedade do contagio.

A theoria da infecção não deve suffocar assim a theoria do contagionismo. Cada uma em seus limites.

Definimos *infecção* toda a acção morbida exercida sobre o homem, pelo ar impregnado de materias organicas não contagiosas e

provenientes de causas locaes. Ficão separadas deste modo as duas doutrinas, sem risco de se destruirem, confundindo-se.

A theoria da infecção creou — os miasmas — que, segundo sua origem, são: palustres, animaes e putridos.

O miasma palustre, cuja esphera de actividade é difficil determinar-se rigorosamente, tem existencia que se impõe pela manifestação de effeitos que são diversos e variados.

Rigaud de l'Isle, citado na excellente these do Dr. José de Azevedo Monteiro, querendo demonstrar, experimentalmente a existencia desses miasmas, condensou sobre as paredes de um balão cheio de gelo os vapores das lagôas Pontinas, e observou que elles continhão ammoniaco e frócos de neve.

Boussingault, com o mesmo fim, recolheu o gaz exhalado pela vasa dos pantanos de Nova Granada, e fazendo passar uma corrente desse gaz sobre a potassa, obteve uma substancia negra que ardia. Como Boussingault e Rigaud, muitos outros procurárão descobrir os miasmas palustres e sempre debalde.

Salisbury, medico americano, examinando os escarros de doentes de febres intermittentes, descobrio cellulas de algas do genero Palmella, e pensa que os miasmas palustres não são outra cousa mais do que essas cellulas. É por causa dessas tentativas infructiferas e resultados ainda não perfeitamente averiguados que apparecem theorias como a de Armand, que nega a existencia dos miasmas palustres, e dá, como causa das febres intermittentes, a acção dos phenomenos termo-electricos—hygrometricos, e como a de Burdel, para quem o miasma palustre é constituido por um fluido particular que emana do sólo, onde se produz uma acção electro-chimica especial.

Os *miasmas animaes* são principios que provêm de animaes vivos. A vida humana é entretida pelo exercicio de duasordens de funcções. Por uma, o corpo se apropria, constantemente, de materiaes necessarios a seus gastos; por outra, regeita aquelles que, por soffrerem metamorphose especial, tornão-se incapazes de um fim util. É por

causa do exercicio constante dessas duas ordens de funcções que os corpos vivos produzem miasmas e estão sempre promptos a absorvel-os.

Miasma putrido é um miasma proveniente da putrefacção dos cadaveres.

Os fócos de infecção produzem miasmas dessas tres especies. Com o calor esses effluvios crescem de numero, elevão-se e pairão na atmosphera. Quando a temperatura baixa o cumulus desce compacto e exerce, então, os maleficos effeitos de que todos têm conhecimento.

SEGUNDA PARTE

Regras e preceitos hygienicos que se devem observar no intuito de obstar o desenvolvimento das grandes epidemias pestilenciaes.

CAPITULO VI

Do capitulo dedicado á etiologia, deprehende-se quaes sejão os meios a lançar mão no intuito de obstar o desenvolvimento das molestias pestilenciaes.

Para não fallarmos de cada um delles por sua vez e não darmos assim grande volume a esta these, faremos uma ligeira descripção das condições hygienicas em que se acha a cidade do Rio de Janeiro e deduziremos, então, as medidas que cumpre executar com o fim de obstar o desenvolvimento das epidemias pestilenciaes.

A Cidade do Rio de Janeiro.

Situada na costa oriental da America do Sul a 22°, 54' e 72" de latitude do sul, e a 2°, 52' e 32" de longitude do meridiano de Greenwich, a cidade do Rio de Janeiro goza a temperatura média annual de 23° centigrados e, nos casos de maior calor, o thermometro oscilla entre 27° e 30°, nunca descendo nos dias mais frios a menos de 15°.

Centro mais importante da America do Sul, o Rio de Janeiro pisa sobre um plano furtivamente elevado acima do mar, mas que, de dia a dia, se eleva e se alonga não só em virtude dessa elevação successiva que experimenta o continente Sul-Americano, como tambem pelos aterros com que o genio do homem vai roubando ao oceano seus dominios superabundantes.

Banhada pelo Atlantico que, lambendo-a em um gyro semicircular, dá-lhe a fórma a mais graciosa, ella vê nas orlas sinuosas de suas praias carregadas de ribas, arvoredos e casarias, desenrolar-se, com aguas azul-celestes, que reverberão em languida ondulação, a

mais bella bahia que é possivel apresentar-se aos enlevos de uma vista ainda que affeita aos sublimes quadros da natureza tropical.

Ao sul e oriente, agigantão-se altas montanhas, elevadas penedias onde brotão crystallinas aguas que se enroscando em murmurio por mil quebradas sinuosas, vem de salto em salto, engrossando-se aqui e alli, com outras limpidas correntes, saciar a sêde da grande cidade.

Além dessas montanhas que a rodeião em semicirculo e que, encordilheirando-se, simulão, do alto mar, um gigante que dorme, lindos outeiros sobreelevando-se aos mais altos edificios, enfeitão a grande capital ou sobrecarregados de habitações, ou sombreados por luxuriante vegetação, atravez de cujos resquicios transparecem mil chacaras da mais pittoresca perspectiva.

Emquanto as serras e outeiros, assoberbados pela riqueza de sua viridente roupagem, embalsamão a atmosphera com suas fragrancias ineffaveis, emquanto o Corcovado lá se mostra, nas alturas, nú, descarnado e firme como uma sentinella avançada, emquanto lá surge, na entrada da bahia, o Pão de Assucar que se aguça em rochedo massiço; mais abaixo um sólo sobremodo humoso, que occulta debaixo de tenue crôsta um vasto pantano subterraneo e que deixa destillar de si, com profusão, o veneno subtil do impaludismo.

Em torno da ampla bahia aberta em uma enseada de cinco leguas para beber as aguas de dezenove preguiçosos rios, estende-se ainda uma vasta esteira de pantanos terriveis.

Os miasmas, que em bulcões de lá se elevão, agarrados pelos ventos, vem voando em correntes impetuosas até ás cercanias da cidade. Ahi encontrão as cordilheiras que, de quando em quando, oppõem obstaculos á sua marcha, até que, finalmente, a onda miasmatica irrompe por caminho facil, e parte della singra pela barra fóra, e a outra doudeja confusa na atmosphera, que se agita sobre a cidade entregue a seu lidar afanoso.

Graças, porém, ás leis que os regem, esses miasmas torvelinhão

suspensos pela força do calor do dia; mas, desde que cahe a noite, desde que a irradiação da terra se incrementa, elles, aproveitando-se das trevas, descem em cumulus mephiticos sobre a cidade incauta.

Una-se, agora, a tudo isso o revolvimento continuo do sólo que exigem o estabelecimento e conservação dos tubos d'agua, luz e esgotos, que, graças aos nossos progressos, minão todo esse chão; una-se, ainda, a privação, no coração da cidade, dos bafejos do mar, á cuja brisa serve de obice o morro do Castello, e mais, tambem, a escassez das chuvas, tão frequentes outr'ora em que tremendas tempestades, acompanhadas de estridentes descargas electricas, despenhavão-se em jorros pelas ruas fluminenses; attenda-se mais ás ruas humidas e apertadas, a essas posilgas apinhadas de pobreza, miseras posilgas sem ventilação, ao deleixo da policia urbana; e ser-se-ha forçado a admittir que tantas circumstancias etiologicas reunidas são mais que sufficientes para explicar o apparecimento das molestias pestilenciaes na cidade do Rio de Janeiro.

* * *

As aguas fornecidas pelas fontes que nascem do seio da terra, pelos rios que transbordão, pelas enchentes que banhão os valles, pelo mar que reflue sobre o littoral, estagnando na superficie ou entre as camadas de um sólo pouco permeavel, sem escoamento natural ou artificial, formão, com as materias organicas ahi depositadas, esses pantanos maleficos que pullulão por todo o globo.

A America parece ostentar, por luxo, a exuberancia de seus pantanos que souberão arrancar a Buffon uma pagina brilhante.

O Brasil, que, segundo Humboldt, tem a immensa superficie de 250 mil leguas quadradas marinhas, que desde o Amazonas até o Prata é atravessado por um sem numero de rios e regatos, esta vasta região do hemispherio sul onde ha planicies

interminaveis, não podia deixar de ser bem aquinhoado na partilha dos pantanos. O Rio de Janeiro é, talvez, um dos lugares que soffrêrão maior prodigalidade da natureza na repartição dos fócos palustres. Se hoje elle não merece o nome de *Lagôas pontinas* do Novo-Mundo, não está ainda completamente livre desses fócos de molestias que a incuria dos governos alimenta. Basta cavar uns quatro ou cinco palmos para vêr-se a agua surgir, e, como se não bastasse esse vasto pantano subterraneo, ahi temos Bemfica, S. Christovão, a lagôa de Rodrigo de Freitas, o Canal do Mangue e outros ainda, que formão muitas variedades de pantanos.

Quaes são os resultados desses fócos de infecção nesta cidade? A grande classe das pyrexias e as molestias pestilenciaes que nós, infelizmente, conhecemos.

O chorado Dr. Paula Candido, examinando as aguas estagnadas, chegou á conclusão de que ellas são prejudiciaes á saude pela pobreza de oxigeno e abundancia de principios deleterios que contêm. A opinião do Dr. Paula Candido está de accordo com a grande maioria de observadores de todos os tempos. Hippocrates dizia: « *bibentibus constabat splenes esse magnas et plenes* ».

Magendie injectou nas veias de animaes agua de pantanos e observou o apparecimento de molestias semelhantes á febre amarella e typho. Griesinger refere casos de cholera devidos exclusivamente á ingestão de aguas estagnadas.

Assim, parece fóra de duvida que a ingestão dessas aguas produz grandes males, que só encontrão iguaes naquelles causados pela respiração dos effluvios palustres. Johnson conta que, de vinte e oito soldados que se expuzerão ás emanações de um pantano, dezeseis tiverão febre intermittente, quatro dysenteria, quatro o cholera e quatro a febre amarella. Bonnet diz que, de vinte e oito soldados que roteavão um outro pantano, dezeseis adoecêrão de febre intermittente, tres de cholera, cinco de dysenteria e quatro de febre amarella.

Entre nós a acção dos effluvios palustres é subordinada ás estações. É ao meio dia que elles são menos nocivos, acompanhão os movimentos da atmosphera, elevão-se e irradião-se tanto que o seu escasseamento na superficie da terra deve ser quasi completo.

Á tarde contrahem-se as camadas atmosphericas, e os miasmas concentrão-se, até que, por seu peso especifico ou pela condensação dos vapores que lhes servem de vehiculo, precipitão-se sobre e em volta do abysmo que lhes deu nascimento. No Rio de Janeiro, assim como em todo o Brazil, a força vegetativa contraria muito a malignidade dos miasmas paludosos.

Acreditamos que, se não fossem os pantanos, estariamos livres da febre amarella, do cholera e de todas as affecções paludosas, e que elles representão o principal papel na etiologia das molestias pestilenciaes : e, por pensarmos assim, diremos que o governo e camara municipal devem empregar todos os esforços para destruir-se esses fócos pestilenciaes, dissecando, aterrando e canalisando as aguas estagnadas.

*
* *

Em época proxima foi motivo de grande preoccupação dos governos da Europa o melhoramento dos esgotos, que em Roma occupava a Cicero e que tinha suas divindades para presidil-o. Pariz soffreu lamentaveis desgraças e uma critica amarga de seus filhos e do estrangeiro, emquanto não possuio esse melhoramento. Londres teve quem dissesse que o máo serviço de limpeza era peior do que centenas de cães damnados soltos na cidade. Pariz e Londres têm melhorado constantemente o seu systema de esgotos, e são hoje as cidades mais aperfeiçoadas nesse grande melhoramento.

Comprehende-se bem que um objecto que preoccupa ainda hoje os governos e hygienistas europêos não póde ser perfeito aqui

onde quasi tudo é copiado de lá e onde existe tanto desprezo pela saude publica. Assim, em materia de esgotos nós estamos muito áquem das principaes cidades da Europa. Mas, uma cousa parece fóra de duvida e é que, relativamente aos antigos meios de limpeza, grandes vantagens obtivemos com o actual systema de esgoto. Anteriormente á companhia City Improvements o serviço dos despejos era feito de um modo lastimoso.

Vallas estreitas, pouco profundas e sem declividade, abertas segundo as necessidades da população, recebião as aguas das casas, das chuvas, as immundicias e as materias fecaes, e, com seu fundo lodoso e infecto, constituião-se fócos peremes de mephitismo animal e vegetal.

As praias, quintaes e praças erão receptaculo de todas as immundicias donde se exhalavão miasmas pestiferos e gazes deleterios.

Causa admiração que, ao lado de quadro tão contristador, e que era uma verdadeira vergonha para nós, se notasse uma salubridade que nos mereceu honrosos epithetos e citações de homens eminentes. A explicação parece estar nas condições de outr'ora. Se tinhamos um mephitismo incontestavel, não possuiamos uma população tão agglomerada; tinhamos, tambem, grandes mattas que o gume do machado da civilisação foi pouco a pouco, destruindo: tinhamos estações regulares, chuvas torrenciaes e beneficas trovoadas; não conheciamos tanto os theatros, os bailes e os jogos que enfraquecem o corpo, effeminando a alma. E quem sabe se, com effeito, não existia já nesses tempos a febre amarella ou o cholera? Os medicos de então referem varias molestias que grassavão endemica e epidemicamente, e alguns dizem mesmo que observárão algumas muito semelhantes á febre amarella e ao cholera.

Parece, portanto, fóra de duvida que o systema de esgotos do Rio de Janeiro offerece grandes vantagens aos habitantes dessa cidade. Contrista-nos, porém, a alma que, reconhecido util e necessario esse melhoramento, os governos não tratem de corrigir os grandes

defeitos que, por certo, os tem, e conservem-se surdos aos justos clamores da Junta de Hygiene Publica. Entre os defeitos de que resentem-se os esgotos do Rio de Janeiro, devemos mencionar a falta de declividade, a falta d'agua, a collocação dos canos muito á superficie, e canalisação commum a muitos predios. É, sem duvida, por causa da falta de declividade que tantas obstrucções têm havido nas diversas galerias e collectores subsidiarios. Assim, por causa de obstrucções os encanamentos forão abertos 177 vezes em 1869, 219 em 1870, 192 em 1871, 197 em 1872. Não é pequeno o mal que resulta dessas aberturas constantes; gazes putridos desprendem-se das galerias e das materias collocadas no meio das ruas vão exercer malefica acção sobre a população desta cidade e principalmente sobre aquelles que se achão proximos desses fócos de infecção.

Pensão alguns, e entre elles os Srs. Drs. Souza Costa e Torres Homem, que os inconvenientes das obstrucções podem ser sanadas com abundancia d'agua que é o elemento principal para um bom serviço de esgotos. Não partilhamos dessa opinião.

Com effeito, com a falta de declividade de que resentem-se os esgotos e com as continuas obstrucções algumas vezes devidas á baixa de uma das extremidades dos tubos, que outra cousa mais poderão fazer as aguas do que romper os encanamentos áquem dos obstaculos? Accresce uma causa: o nosso systema de esgotos é mixto, isto é, as aguas pluviaes correm pelos mesmos tubos por onde transitão as materias fecaes. Os inconvenientes desse systema patenteão-se e para tornal-os mais salientes ainda, citaremos as seguintes palavras do Sr. Barão de Lavradio:

« Em 1872, as obstrucções e suas consequencias não se extinguirão, antes parecêrão augmentar depois das grandes chuvas, talvez em razão das areias e terras arrastadas para os encanamentos pelas aguas. »

Aprofundar mais o assentamento dos canos em algumas ruas, é

uma medida de que ha muito se devia ter cuidado; é muito commum, ao levantar se os calçamentos, observar se tubos quebrados por causa, sem duvida, do peso das grandes carroças que frequentemente trans'tão nas ruas de maior commercio. As vantagens que se deve colher da canalisação especial para cada predio são manifestas. Todos os dias vê-se os empregados da companhia City Improvements revolverem o sólo de muitas casas para destruirem uma obstrucção em uma dellas.

Sobre ser incommodo, é máo para a saude dos habitantes dessas casas esse revolvimento, que a um só aproveitará. A canalisação especial, sanando esses inconvenientes, constitue se um grande melhoramento.

Provêr abundante quantidade d'agua para as necessidades domesticas e publicas, não permittir grande agglomeração de pessoas em hospitaes, collegios e prisões, remover os hospitaes para fóra do centro da cidade, velar sobre a qualidade dos generos expostos á venda, e sobre a limpeza das ruas e praças, são medidas hygienicas de que a administração publica deve lançar mão no intuito de obstar o desenvolvimento das molestias pestilenciaes no Rio de Janeiro.

A agua é um agente intimamente ligado ás funcções da vida, e os antigos davão-lhe já grande importancia, como o provão esses canaes, aqueductos e monumentos hydraulicos que ainda hoje se observa na Persia, Egypto, Grecia e Roma. Nos tempos modernos, nenhum paiz culto esquece essa questão vital e, de dia a dia, novos melhoramentos se realizão. No Rio de Janeiro, questão de tanta magnitude não tem despertado grande zêlo dos governos e camaras municipaes, e não é raro vêr-se o povo desta cidade ameaçado de morrer á sêde. Possuimos, entretanto, uma infinidade de rios que circumdão a cidade; mas, esses são abandonados, e a

administração publica aproveita-se de pequenos e insufficientes mananciaes que ornão os arrabaldes.

Os perigos de agglomeração de pessoas em hospitaes, collegios, prisões, etc., são muitissimo conhecidos. O homem tem necessidade de oito metros cubicos de ar por dia, e pelos phenomenos chimicos da respiração, essa porção de ar é restituida á atmosphera em estado differente, isto é, carregada de acido carbonico que é um gaz irrespiravel. Comprehende-se, portanto, os sérios perigos a que sujeitão-se aquelles que se acharem agglomerados em nossos estabelecimentos publicos, ordinariamente sem condições hygienicas e sem a necessaria ventilação. Mas, não é só na perturbação dos elementos de que normalmente se compõe o ar que assesta-se a viciação da atmosphera nos lugares confinados. Ella é ainda alterada pela evaporação aquosa do corpo humano, elevada, segundo Dumas, á 1000 grammas em 24 horas, pela transpiração cutanea e pulmonar que produzem a exhalação de differentes materias organicas.

Funestissimos são os effeitos do ar confinado. No-lo provão o celebre facto passado em um tribunal de Oxford em que, de repente, os espectadores cahirão fulminados pela atmosphera viciada, e o lamentavel successo acontecido no Pará, em 1823, quando 253 individuos forão lançados no porão de um navio.

Boudin diz que, um dia no seu serviço na Caridade, os doentes forão accommettidos de cholera e que, removida a metade da gente, os accidentes cessárão. Marchal conta que, em Breslau, a caridade ou interesse pessoal levárão os habitantes ricos a soccorrer os pobres, dando-lhes vestimentas, alimentos sãos, e proporcionando-lhes habitações salubres e vastas, e que, assim, conseguirão reter os progressos do cholera.

Os hospitaes e casas de saude, nem sempre construidos segundo os preceitos hygienicos, espalhados pelo centro da cidade em ruas estreitas e populosas, não podem deixar de ser considerados como um perigo continuo ameaçando os habitantes da Côrte.

O proprio hospital da Misericordia, obra prima em architectura, possue defeitos bem graves. Assim, elle está collocado em um terreno que já servio de cemiterio, nas fraldas de um morro, em lugar baixo, longe de vegetação e aguas e sem ventilação de um lado. Se o hospital da Misericordia apresenta tão sérios inconvenientes, facil é prevêr-se o que serão os outros hospitaes esquecidos e ignorados.

Em tempo de epidemias pestilenciaes todos os habitos devem ser respeitados. Ao contrario, os excessos serão condemnados. Não se deve permittir a venda de alimentos e bebidas em máo estado o que, infelizmente, é muito commum entre nós, máo grado as commissões de inspecção.

As más condições de hygiene em que se acha a cidade do Rio de Janeiro, e que acabamos de apontar são, em nossa opinião, as causas do desenvolvimento das epidemias pestilenciaes entre nós. Remove-las é pôr obstaculos ao apparecimento desses flagellos que tantas vezes têm assollado os povos. Urge, porém, tomar medidas, senão efficazes, ao menos que modifiquem esta ordem de cousas que, a todos momentos, nos annuncia um futuro cheio de calamidades. Basta de catastrophes. As victimas dessas molestias ahi estão de seus tumulos maldizendo a incuria dos governos, e pedindo compaixão para os vivos.

PROPOSIÇÕES

SECÇÃO ACCESSORIA

SEGUNDO PONTO

Liquidos

(CADEIRA DE PHYSICA)

I

O estado liquido dos corpos é caracterisado por fraca cohesão das moleculas, e por isso ellas facilmente deslocão-se, amoldão-se á fórma dos vasos que as contêm, e obedecem constantemente á acção do peso.

II

A *hydrostatica* trata das condições de equilibrio dos liquidos e das pressões que elles transmittem; a *hydrodinamica* occupa-se dos movimentos, e a *hydraulica* applica os principios da hydrodynamica á arte de conduzir e elevar as aguas.

III

Os liquidos são muito pouco compressiveis.

IV

Uma pressão exercida sobre uma massa liquida se transmitte em todos os sentidos, com a mesma intensidade, em toda superficie igual á que recebe a pressão.

V

A pressão transmittida é proporcional á superficie que a recebe.

VI

A pressão que as camadas liquidas superiores exercem sobre as inferiores dá origem á *repulsão* dos liquidos.

VII

Um liquido conserva-se em equilibrio em um vaso qualquer, quando uma molecula, tomada na massa liquida, soffre pressões iguaes e contrarias.

VIII

Para que dous liquidos de densidades differentes, collocados em vasos que se communicão, possão entrar em equilibrio, é preciso, além de outras condições, que as alturas das columnas liquidas estejão na razão inversa das densidades dos dous liquidos.

IX

Um corpo mergulhado em um liquido perde parte de seu peso igual ao peso do liquido deslocado.

X

Conforme os gráos de densidade, os corpos lançados nos liquidos mergulhão, ficão em suspensão ou fluctuão.

XI

A pressão exercida pelos liquidos no fundo dos vasos é independente da fórma dos vasos e da quantidade de liquido nelles contidos.

XII

Determina-se o peso especifico dos liquidos pela balança hydrostatica, pelos areometros e pelo methodo do *frasco*.

XIII

Os liquidos em contacto com os solidos produzem uma serie de phenomenos, aos quaes a physica chamou — *capillares*.

XIV

Os liquidos elevão-se ao redor dos solidos quando estes são molhados por elles.

XV

A ascensão dos liquidos nos tubos capillares é submettida á lei seguinte: A ascensão varia com a natureza dos liquidos e com a temperatura, e é independente da substancia dos tubos e da espessura de suas paredes.

XVI

A ascensão de um liquido em um tubo capillar é tanto maior quanto menor é o diametro do tubo. (Lei de Jurin.)

XVII

Liquidos de densidades differentes, separados por uma divisão fina e bastante porosa, capazes de se misturar, passão atravez da divisão, em virtude das leis de endosmose e exosmose.

XVIII.

Os phenomenos da endosmose e exosmose ainda não puderão ser explicados de uma maneira satisfactoria.

SECÇÃO CIRURGICA

TERCEIRO PONTO

Dos polypos naso-pharyngeanos

(CADEIRA DE CLINICA EXTERNA)

I

Polypo naso-pharyngeano é todo tumor pediculado, que occupa a parte superior do pharynge e posterior das fossas nasaes.

II

Os polypos naso-pharyngeanos são mucosos ou fibrosos.

III

Implantão-se frequentemente na vizinhança do orificio pharyngeano da trompa de Eustaquio e, mais raramente, na opophyse basilar, no ethmoide, sphenoide, etc.

IV

Além dos pontos de inserção, pódem os polypos naso-pharyngeanos adquirir adherencias consecutivas.

V

Exemplos têm havido de perfuração dos ossos do craneo pelos polypos naso-pharyngeanos.

VI

A etiologia dos polypos naso-pharyngeanos é obscura.

VII

Com rarissimas excepções, elles só têm sido observados em individuos menores de 30 annos.

VIII

Os primeiros symptomas dos polypos naso-pharyngeanos são: difficuldade na respiração nasal, corysa intenso e sensação especial accusada pelo doente.

IX

O diagnostico dos polypos naso-pharyngeanos só offerece difficuldade no principio da molestia.

X

Entregues a si mesmos elles podem causar a morte do doente.

XI

De todos os meios de tratamento aquelle que tem por fim a extirpação do polypo é o melhor.

XII

É muitas vezes impossivel actuar directamente sobre a inserção do polypo com os meios de que a arte dispõe.

XIII

Nestes casos o cirurgião recorre a certas operações chamadas — *preliminares*, que lhe preparão um accesso facil ao polypo.

XIV

Estas operações ou são palatinas, ou faciaes, ou nasaes, ou orbitarias.

XV

Do methodo palatino o melhor processo é o de Nelaton.

XVI

A resecção definitiva do maxillar superior é, das operações faciaes, a que fornece mais luz e mais espaço ao operador, e, tambem, a que reclama grandes habilitações e que deixa cicatrizes disformes.

XVII

O esmagamento linear, de Chassaignac, é uma bôa operação fundamental, uma vez que a cauterisação venha auxilial-a depois, destruindo inteiramente o ponto de inserção do polypo.

XVIII

A exsiccação, a compressão, o dilaceramento, o arrancamento, o trituramento e o sedenho, no tratamento dos polypos naso-pharyngeanos, são hoje apenas um facto historico.

SECÇÃO MEDICA

QUARTO PONTO

Nevralgias

(CADEIRA DE PATHOLOGIA INTERNA)

I

O conhecimento das causas das nevralgias é de summa importancia para o medico.

II

A herança, causa poderosa das nevroses em geral, tem grande valor etiologico.

III

As nevralgias desenvolvem-se ordinariamente de 20 a 50 annos.

IV

As condições sociaes da vida da mulher e as diversas affecções a que ella está sujeita de preferencia, explicão a maior frequencia da nevrose algesica neste que n'outro sexo.

V

As constituições e os temperamentos têm um valor etiologico duvidoso.

VI

Uma habitação humida e fria, uma alimentação grosseira e insufficiente, uma profissão que expõe á absorpção dos venenos metallicos, chumbo, mercurio, etc., e ás variações bruscas de temperatura, representão causas capazes de produzir nevralgias mais ou menos intensas e de duração variavel.

VII

O clima e as estações parecem ter algum valor: as colicas seccas são observadas quasi exclusivamente nas regiões tropicaes; conta-se mais casos de nevralgias nas estações frias e em tempos tempestuosos.

VIII

Todas as feridas, cirurgicas ou accidentaes e mesmo simples contusões são acompanhadas muitas vezes de nevralgias.

IX

Corpos estranhos inertes ou vivos, em contacto prolongado com os nossos tecidos, determinão nevralgias, cuja duração e intensidade varião.

X

O frio é uma causa poderosa para alguns pathologistas e de mediocre importancia para outros.

XI

As neoplasias homologas do tecido nervoso têm grande valor etiologico.

XII

Depois dessas neoplasias, os tumores que determinão nevralgias mais frequentemente são: os canceres encephaloides muito molles, os kistos e sobretudo os aneurysmas.

XIII

As alterações do sangue, determinadas por um principio morbido diathesico, virulento, toxico ou outro qualquer, são causas poderosas.

XIV

Muitas nevralgias rheumaticas, segundo parece, são devidas a congestões do nevrilemma.

XV

As molestias dos orgãos genito-urinarios, sobretudo as affecções uterinas, exercem uma influencia notavel sobre o desenvolvimento das nevralgias reflexas.

XVI

A excitação exagerada dos sentidos, em individuos muito nervosos, póde occasionar uma nevrose algesica.

XVII

As emoções violentas e subitas, os desgostos prolongados, os trabalhos intellectuaes excessivos e uma educação mal dirigida representão causas mais ou menos importantes.

XVIII

Emfim, a suppressão das regras, do fluxo hemorrhoidario, de erupções cutaneas, do suor dos pés, são acompanhadas, algumas vezes, de nevralgias de difficil senão impossivel explicação.

HIPPOCRATIS APHORISMI

I

Non satietas, non fames, neque aliud quicquam bonum est, quod supra naturæ modum fuerit. (Sect. 2ª.)

II

Autumnus tabidis malus. (Sect. 3ª.)

III

Tempestatum anni mutationes potissimum morbos pariunt et in ipsis anni tempestatibus magnæ mutationes frigoris et caloris, aliaque pro ratione ad hunc modum. (Sect. 3ª.)

IV

Per anni tempestates, quando eodem die modo calor modo frigus fit, autumnales morbos expectare convenit. (Sect. 3ª.)

V

Frigida veluti nix et glacies pectoris sunt adversa, tusses movent, sanguinis eruptiones et distillationes efficiunt. (Sect. 5ª.)

VI

Frigidum ossibus adversum, dentibus, nervis, cerebro, dorsali medullæ, calidum vero utile. (Sect. 5ª.)

Esta these está conforme os Estatutos. — Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1875.

Dr. Caetano de Almeida.

Dr. João Damasceno Peçanha da Silva.

Dr. Kossuth Vinelli.